



Teatro Art'Imagem



Teatro Art'Imagem

Av. Pastor Joaquim Eduardo Machado s/n

4425-253 Águas-Santas Maia

(+351) 22 208 40 14

teatroartimagem@hotmail.com

UM PUNHADO DE TERRA

“Além do equador tudo é permitido”

(provérbio português da época dos descobrimentos)

Um texto de Pedro Eiras, pela primeira vez levado a cena.

Em todo o palco terra barrenta. Vem, do horizonte, um homem negro. Os pés mergulham na lama. O homem coxeia da perna direita. O homem vem, devagar. Chega. E diz: *Toma o meu corpo senhor do fogo! Vem e devasta esta terra estrangeira!*

Este homem negro é um escravo trazido à força de África para uma terra de que nunca ouvira falar.

Ele nos dirá, num português ainda mal apreendido, mas de imagens poderosas e numa linguagem poética singular, como um dia chegaram à sua aldeia os homens brancos “feios, com cabeças de metal e pele de ferro, por sobre a pele cor de leite velho estragado”.

De como lhe mataram a mulher, os filhos e os amigos, de como destruíram a sua aldeia e aniquilaram o seu povo.

De como foram levados, sobre as ordens de uma tal “o infante”, num grande barco maior que “montanhas de madeira” para estas terras de desterro.

É tal a sua solidão e a sua tristeza que o homem negro, despojado do seu punhado de terra evocará e pedirá aos seus deuses a morte e a maldição dos estrangeiros e seus descendentes...

Texto: Pedro Eiras

Encenação: José Leitão

Interpretação: Flávio Hamilton

Desenho de luz: Leunam Ordep

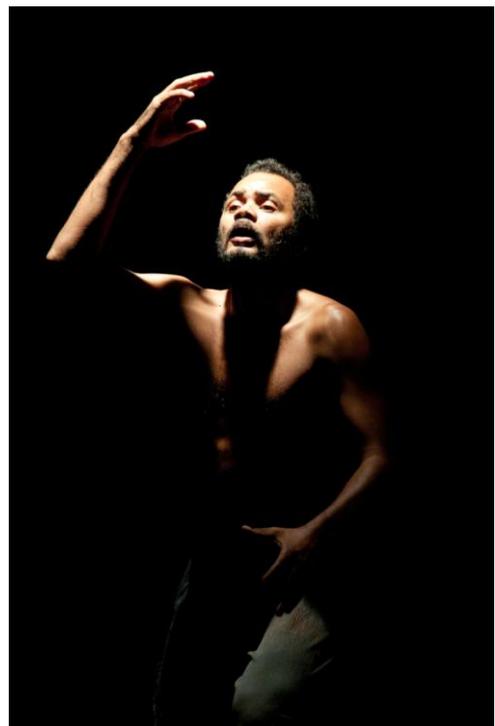
Espaço cénico: José Leitão e José Lopes

Produção: Cláudia Silva

Fotografia : Carina Moutinho

Design: Rui Duarte

M/12 * 55 m



Video: <http://www.youtube.com/watch?v=fiousvDK3dA>

<http://www.youtube.com/watch?v=VhbDm-tcfTc&list=UUgE7ZKmy9pnoH1gkff0PEiw&index=3>



Sobre o Autor

Pedro Eiras nasceu em 1975. É Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desde 2001, publicou diversas peças de teatro (*Antes dos Lagartos*, *Passagem*, *Um Forte Cheiro a Maçã*, *Uma Carta a Cassandra*, *Todos os Direitos Reservados*, *Pedro e Inês*, *Um Punhado de Terra*, *Bela Dona*, entre outras), além de textos de ficção, poesia, ensaio e crónica. As suas peças de teatro têm sido traduzidas, publicadas, encenadas ou lidas em Portugal e diversos outros países: Bélgica, Brasil, Eslováquia, França, Grécia, Roménia.

Do Autor

"Praticamente todos os factos que descrevo neste monólogo são verídicos; junto-os, mesmo se não aconteceram todos no mesmo século. Encontrei-os em diversos lugares – em Gomes Eanes de Zurara, Bartolomeu de las Casas, no International Slavery Museum of Liverpool – mas um livro corajoso, organizado por Ana Barradas, serviu-me de fonte principal: *Ministros da Noite*. Livro negro da expansão portuguesa (*Antígona*, 1992).

Um monólogo pede um trabalho de ritmos, tessituras, um fluxo de ideias e imagens. Sem sacrificar essas regras, e sem esquecer a exigência ética que em primeiro lugar me levou a escrever, procurei que este texto fosse o mais possível próximo dos factos registados. Apresentar os ecos que sobreviveram até nós e ser o menos possível – ou mesmo nada – enquanto dramaturgo."

in *Um Punhado de Terra*, Deriva, 2008

O épico não me interessa. Escrevi um monólogo para recusar determinados heroísmos prontos-a-consumir, míticos. Não quis a narrativa colectiva de um poder legitimador, mas o testemunho individual e silenciado. Que não é épico. Talvez seja trágico, se a palavra não tiver demasiadas ressonâncias gregas para o que quero experimentar aqui. A epopeia exalta, a tragédia interroga; eu quero interrogar, interrogar-me. Escrevi porque compreendo aquela maldição que o homem negro endereça no fim, contra os torturadores e os seus descendentes. Sou amaldiçoado. Ouvi essa maldição. Precisei de a escrever.

É muito tarde, tarde de mais, mas ainda podemos ouvir estes pés negros que chegam da escuridão, tacteiam a terra, a medo, esta voz que chama pelo seu deus e tem uma história a contar e um pedido a fazer, ainda vamos a tempo de - pelo menos - contar outra vez a história que nunca foi contada, que foi sempre transformada em marcha militar, datas, mapa, quando muito desculpas tingidas de má-fé, contar, ouvir.

Essa voz, ouço-a há muito tempo. Um dia, escrevi o que ela dizia. Por palavras minhas. Era um punhado de terra amarga, que eu devia comer. É tarde, tarde de mais, mas ainda podemos ouvir, ainda é cedo.

Pedro Eiras, 13 setembro 2001



DA ENGENAÇÃO, DO TEATRO ART´IMAGEM

Um homem só. Um homem só em palco, uma personagem, um actor. O actor!

O teatro em estado puro, seminal. Para ser geral, o Teatro tem de ser essencial.

Um corpo em cena, o fogo. Terra e água e um espaço que vem de muito longe, do limiar da humanidade, que se vai alargando para tomar a plateia e abraçar os espectadores. O público esperando a palavra, a parábola.

O actor acende a boca, acende o corpo, acende o público. O actor e o público em estado geral de graça.

A história de um homem, de uma vida, é, afinal, a história do mundo.

No Teatro, esta história é uma ficção feita de realidades acontecidas.

O actor é o narrador, é um contador de histórias, dança, salta, suja-se de terra, lava-se na água, dá-nos a ouvir silêncios, gesticula, ritualiza, emociona-se, serena, interpreta.

Este Teatro dá-nos a história dum escravo, da sua dor, dum tempo seu.



A história desta vida, desta dor, não pode ter um “mas” para contextualizar, para esquecer, para desculpar, porque o presente e, principalmente, o futuro não nos perdoará esta atitude.

Este ano de 2011*, o da morte política de Portugal (por eles) anunciada, foi para o Teatro Art’ Imagem tempo artístico de (re)visitar África, a nossa África – como então se dizia. Primeiro, em parceria com o Teatro Municipal da Guarda, foi a “A Acácia Vermelha”, um texto de Manuel Pope, encenado por Valdemar Santos, sobre um país do continente nos nossos dias; agora “Um Punhado de Terra” de Pedro Eiras, a falação de um escravo que conta o seu rapto para Portugal, na época da nossa expansão, como agora se diz.

Falámos de escravatura e colonialismo, temas já abordados pela companhia num outro espectáculo de 1989 chamado “Ministros da Noite”, a partir de textos coligidos por Ana Barradas e encenado por Carlos Curto.

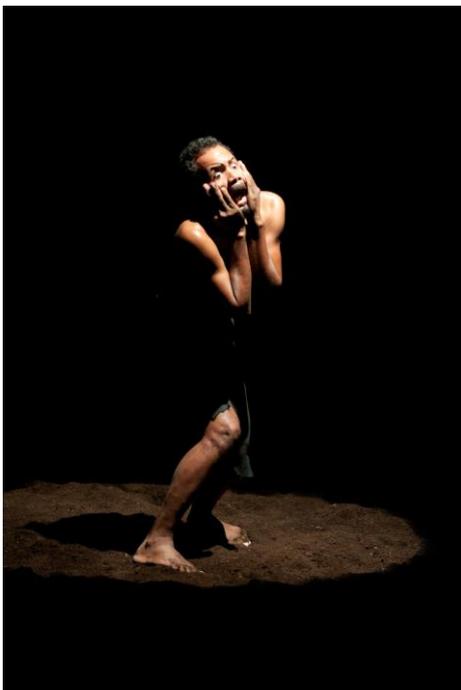
Porquê a insistência? Podíamos só responder porque sim, mas não! Cinco séculos passados, desde a nossa chegada a África, marcaram a nossa vida e a nossa história, e, sobre ela, nunca é demais falar, principalmente porque ainda hoje nos deslumbramos com os nossos gloriosos descobrimentos, branqueando factos e acontecimentos com a ideia peregrina de que o nosso colonialismo era melhor do que o dos outros. E continuam os mitos e os encobrimentos.

Ninguém diria hoje que o nazismo tinha coisas positivas. Porque então se teima em dizer que o colonialismo as tinha?

Sabendo quem fomos, virtudes e defeitos, seremos melhores.

Tempo para nos pensarmos, tempo de nos questionarmos, tempo de teatro, tempo para arte, num tempo em que pensar parece sem sentido. Teatro para o tempo de hoje, teatro de sempre!

José Leitão, 20 Setembro 2011



ECOS SOBRE O ESPECTÁCULO.

“A sessão da noite no palco principal criou, como sempre cria a presença de Flávio Hamilton e a sua companhia de Teatro Art’Imagem no Mindelact, grandes expectativas. “Por Um Punhado de Terra” ou a estória/história de/o um homem negro feito escravo e desterrado para Portugal.

“Toma o meu corpo senhor do Fogo! Vem e devasta esta terra estrangeira!”

Esta expressão resume com exactidão o estado de espírito do homem escravo que nos conta com exactidão de gestos e palavras o longo caminho de aprisionamento, desde o momento da chegada daqueles homens de pele cor de

leite velho estragado, “ feios, com cabeça de metal e pele de ferro”.

Se o poderosíssimo texto é suficiente para nos alertar e pensar sucessivamente durante a peça "nós africanos esquecemos demasiado depressa a barbárie da escravatura", não é menos oportuno lembrar o que se escreveu ontem neste meu diário do Mindelact: "Não existe o teatro sem actores." "Por um punhado de Terra" marca mais uma performance de arrepiar de Flávio Hamilton. Dicção perfeita até nos momentos da mais alta intensidade física. Gestualidade, fisicalidade e entrega próprios de quem incorporou o texto e cedeu seu próprio corpo ao escravo, à personagem.

Em nenhum momento vi o meu amigo Flávio no palco, naqueles 50 min não houve sequer uma brecha na interpretação onde alguém podia exclamar "olha o Flávio por detrás do negro capturado!" Entrega e mestria na arte de representar. Nota também para a encenação cuidada e primorosa que demonstra o conhecimento minucioso das potencialidades e dos limites do actor por parte do encenador. O cenário, que nos reporta para o triângulo negro da escravatura, funciona bem por ser simples e convincente para o propósito do texto. A soberba iluminação concedeu à peça o tempo exacto da ocorrência dos factos e da sensibilidade de cada momento. Art'Imagem marca mais uma vez uma edição do Mindelact... e nós agradecemos."

Abraão Vicente in Diário do Mindelact 2011

Considerado na rubrica "As Escolhas dos Dramaturgos Anónimos 2011" do blog "Estado Crítico" de Jorge Loureiro Figueira - crítico do jornal Público - como um dos 15 melhores espectáculos de 2011.

<http://estadocritico.wordpress.com/2011/12/31/1053/>



99ª criação do Teatro Art'Imagem / 2011

Estreia mundial: 15 Setembro 2011 na cidade do Mindelo / Cabo Verde em co-produção com o Festival "Mindelact"

Estreia nacional e temporada: 22 Setembro na cidade do Porto